

Índice

<i>[Darren imaginou que partia...]</i>	9
O Spread (Adam)	11
<i>[Podem quebrar-me os ossos...]</i>	41
Speech Shadowing (Jonathan)	43
<i>[As coisas com que Darren sonhava...]</i>	71
Os Homens (Jane)	79
<i>[Darren costumava ajudar o vizinho...]</i>	113
A Cifra (Adam)	117
<i>[A geada endurecera...]</i>	151
A Escola de Nova Iorque (Jonathan)	159
<i>[Do teto...]</i>	185
Efeitos Paradoxais (Jane)	191
<i>[Darren recorda este episódio...]</i>	227
Olde English (Adam)	229
Aperceção Temática (Adam)	257
Agradecimentos	279
Notas de tradução	281

Darren imaginou que partia o espelho com a cadeira metálica. Tinha aprendido na televisão que às vezes havia pessoas atrás, no escuro, e que estas o viam. Parecia-lhe sentir a pressão do olhar delas no rosto. Em câmara lenta, uma chuva de vidro, as presenças reveladas. Darren fez pausa, pôs o filme a andar para trás, e viu-a cair outra vez.

O homem de bigode negro continuava a perguntar se ele queria beber alguma coisa; Darren acabou por pedir água quente. Quando o homem se afastou para ir buscar a bebida, o outro, que não tinha bigode, perguntou a Darren se estava tudo bem. Estás à vontade se quiseres esticar as pernas.

Darren não arredou pé. O homem de bigode regressou com um copo de papel castanho a fumar e uma mão-cheia de palhinhas vermelhas e pacotinhos: Nescafé, Lipton e Sweet'n Low. Escolha o seu veneno, disse o homem, mas Darren sabia que ele estava a brincar; não iam envenená-lo. Havia um cartaz na parede: CONHEÇA OS SEUS DIREITOS, depois qualquer coisa em letra pequena que não conseguia ler. Tirando isto, mais nada para onde pudesse olhar enquanto o homem sem bigode falava. As luzes daquele sítio eram como as da escola. Dolorosamente fortes nas raras ocasiões em que era chamado. ("Terra chama Darren", a voz da Sr.^a Greiner. Depois o riso já habitual dos colegas.)

Olhando para baixo, viu iniciais, estrelas e cifras gravadas na superfície de madeira. Percorreu-as com os dedos, mantendo os pulsos juntos, como se ainda estivesse algemado. Quando um dos homens lhe pediu que olhasse para ele, Darren obedeceu. Olhou pri-

meiro para os olhos (azuis), depois para os lábios. Que mandaram Darren repetir a história. Assim, Darren voltou a descrever como tinha atirado a bola de bilhar branca na festa, mas o outro homem interrompeu-o, ainda que com amabilidade: Darren, vais ter de começar pelo princípio.

Apesar de a água lhe queimar um pouco a boca, deu dois golos. Imaginou que apareciam várias pessoas atrás do vidro: a mãe, o pai, o Dr. Jonathan, Mandy. Darren não conseguia que percebessem que ele nunca teria atirado aquilo, só que tinha atirado sempre. Muito antes de a aluna do nono ano lhe chamar os nomes do costume, antes de tirar a bola do bolso do lado, de sentir o peso dela, a superfície fresca e macia da resina sintética, antes de a ter atirado com força para a escuridão sobrepovoada — a bola branca estava suspensa no ar e girava lentamente. Como a Lua, tinha estado ali durante toda a vida dele.

O *SPREAD*

(ADAM)



Vogavam com o motor desligado no barco do padrasto dela, num lago artificial rodeado de grandes vivendas onde não se via mais ninguém. Era o início do outono e bebiam licor *Southern Comfort* da garrafa. Na proa do barco, Adam observava uma luz azul a pulsar para lá da água que devia ser um televisor atrás de uma janela ou porta de vidro. Ouviu o som áspero do isqueiro dela, depois viu o fumo pairar por cima, desenrolando-se. Adam falava há muito tempo.

Quando se virou para ver o efeito do que tinha dito, ela tinha desaparecido; as calças de ganga e a camisola estavam num montinho, com o cachimbo e o isqueiro.

Chamou-a pelo nome, subitamente consciente do sossego circundante, e levou a mão à água, que estava fria. Sem pensar, pegou na camisola branca e sentiu o cheiro a fumo de lenha do início da noite em Clinton Lake, a lavanda sintética do gel de banho que sabia que ela usava. Repetiu o nome dela, desta vez mais alto, depois olhou em volta. Algumas aves planavam sobre a superfície imperturbada do lago; não, afinal eram morcegos. Quando teria ela mergulhado ou saído do barco? Como era possível que não tivesse feito qualquer ruído na água? E se ela se tivesse afogado? Já gritava; um cão respondeu ao longe. De tanto andar às voltas à procura dela, sentiu-se tonto e sentou-se. Depois voltou a levantar-se e procurou junto das bordas do barco; podia ser que ela estivesse simplesmente ali ao lado, a sufocar o riso, mas não estava.

Adam teria de levar o barco outra vez para a doca, onde ela devia estar à espera. (Havia uma doca por cada dois ou três lotes.) Pareceu-lhe ver o piscar lento de um pirilampo na margem, mas já não era

bem a altura do ano para isso. Sentiu uma vaga de fúria a formar-se, mas considerou-a bem-vinda, por precisar dela para vencer o pânico. Esperava que Amber tivesse mergulhado antes da sua desconexa declaração de sentimentos. Tinha dito que os dois continuariam juntos depois de ele sair de Topeka para estudar, mas entretanto tinha percebido que não seria assim; estava ansioso por mostrar indiferença quando a encontrasse a salvo, em terra firme.

Veja-se o motor externo a brilhar ao luar. Para qualquer amigo de Adam, controlar um barco seria fácil; todos eles, mesmo os miúdos da Fundação, demonstravam um mínimo da competência mecânica típica do Midwest, sabiam mudar o óleo ou limpar uma pistola de lubrificação; Adam, pelo contrário, nem sequer sabia conduzir com mudanças manuais. Identificou o que parecia o cabo de arranque e puxou-o, mas não aconteceu nada; deslocou o que devia ser a manete das mudanças para outra posição e voltou a tentar; nada. Começava a interrogar-se se teria de ir a nado — não confiava muito nos seus dotes de nadador —, quando viu a chave na ignição; assim que a girou, o motor começou a trabalhar.

Regressou à margem com a maior lentidão possível. Quando se aproximou de terra firme, desligou o motor, mas não conseguiu alinhar o barco com a doca; ouviu-se um rangido alto quando a fibra de vidro embateu na madeira, o que calou as rãs-touro nas cercanias; nada parecia danificado, embora não se tenha dado ao trabalho de verificar. Prendeu rapidamente as amarras do barco em torno dos cunhos da doca, improvisou alguns nós e depois impulsionou-se para fora da embarcação; rezava para que ninguém o visse de uma janela. Deixando as chaves, as roupas dela, o cachimbo e a garrafa, subiu a correr o declive pela relva húmida, em direção à casa de Amber; se o barco se afastasse para andar à deriva pelo lago, a culpa seria dela.

As portas grandes de vidro que davam para o lago nunca estavam trancadas; silenciosamente, empurrou uma delas, fazendo-a deslizar, e entrou. Só então sentiu suores frios. Discerniu a sombra do irmão de Amber no sofá, com a almofada por cima da cabeça, a dormir à luz da televisão gigantesca; as notícias passavam sem som. Tirando isso, a sala estava escura. Pensou que poderia acordá-lo, mas, em vez disso, tirou as botas *Timberland*, partindo do princípio de que estavam enlameadas, e atravessou cuidadosamente a sala em direção às escadas com alcatifa branca; subiu devagar.